

Juventudes e subjetividades: diálogos contemporâneos

Amanda Laís Maciel Kugeratski¹

Michele da Rocha Cervo²

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

Resumo: O artigo analisou os efeitos da vulnerabilidade social e da racionalidade neoliberal na produção de subjetividades juvenis a partir de narrativas de vida, pela perspectiva do acesso a direitos fundamentais. Utilizou-se a pesquisa-intervenção cartográfica para acompanhar os processos vividos pelos onze jovens participantes da pesquisa e residentes de uma cidade de médio porte - conforme a definição do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) - no interior do Paraná. As juventudes se afirmam no espaço plural, produzindo resistências, reproduzindo discursos neoliberais e reiterando-as como agenciadoras de seus processos subjetivos.

Palavras-chave: juventudes; neoliberalismo; subjetividade.

¹ Estudante do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, bolsista do Projeto Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e da Juventude (NEDDIJ) Irati.

² Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), docente do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Youth and subjectivities: contemporary dialogues

Abstract: The article analyzed the impact of social vulnerability and neoliberal rationality on how youth subjectivities are shaped life narratives, from considering access to fundamental rights. The cartographic intervention-research method was employed to track the processes experienced by eleven young participants residing in a medium-sized city - according to the definition of Brazil's Unified Social Assistance System (Sistema Único de Assistência Social, SUAS) - in the interior of Paraná, Brazil. The findings reveal that youth affirm themselves in a plural space, producing resistance, reproducing neoliberal discourses, and reiterating their role as agents in their subjective processes.

Keywords: youth; neoliberalism; subjectivity.

Juventudes y subjetividades: diálogos contemporáneos

Resumen: El artículo analizó los efectos de la vulnerabilidad social y de la racionalidad neoliberal en la producción de subjetividades juveniles a partir de narrativas de vida, desde la perspectiva del acceso a derechos fundamentales. Se utilizó la investigación- intervención cartográfica para acompañar los procesos vividos por los once jóvenes participantes del estudio, residentes en una ciudad de tamaño medio — según la definición del Sistema Único de Asistencia Social (SUAS)— en el interior de Paraná. Las juventudes se afirman en el espacio plural, produciendo resistencias, reproduciendo discursos neoliberales y reafirmandose como agentes de sus procesos subjetivos.

Palabras clave: juventud; neoliberalismo; subjetividad.

As transformações históricas impactam diretamente a forma como os jovens constroem suas subjetividades nos seus espaços. Logo, entender como o neoliberalismo, produtor de desigualdades sociais, incide sobre a vida das juventudes possibilita pensar ações e políticas públicas que fortaleçam o acesso aos direitos fundamentais. Além disso, participar dos espaços onde os jovens circulam permite nos aproximar das ferramentas que utilizam para significar e enfrentar as situações cotidianas.

Para pensar as subjetividades juvenis, no contexto brasileiro, é necessário situar a multiplicidade de sujeitos que abrange esse termo. Isto porque os pontos de partida da análise são diversos, o que as tornam completamente diferentes, mesmo que partilhem a ótica de uma mesma época (PERONDI e VIEIRA, 2018). A sua complexidade é atravessada por diversos marcadores sociais, sendo que o da desigualdade incide violentamente sobre a trajetória de muitos desses sujeitos (PAULILO, 2013; PERONDI e VIEIRA, 2018). Diante dessa amplitude, “a tentativa de identificar a juventude brasileira torna-se exercício de inócua abstração” (PAULILO, 2013: 137). Ao explorarem as múltiplas formas de produzir-se jovem, Gregori e Veronesi (2018: 76) apontam que é necessário observar como a diversidade de experiências assimétricas “afeta o cotidiano desses jovens no acesso a oportunidades e aos seus direitos de acordo com sua renda familiar, gênero, raça, orientação sexual, local de moradia, ter ou não deficiência ou ser de comunidades étnicas/tradicionais”. Nesse sentido, analisar as produções juvenis significa situá-las na história e compreender as problemáticas e agenciamentos que incidem sob suas significações a respeito do mundo e de si mesmos.

Foucault (2002), a partir dos jogos de verdade que permeiam o social, entendeu o conceito de subjetividade associado aos modos pelos quais o sujeito se produz e experimenta o mundo e à maneira pela qual se relaciona consigo mesmo. Ele demonstrou que os gregos entendiam o cuidado de si como uma escolha facultativa, a qual não implicava um processo de desfiliação. Na passagem para o estoicismo, seguir determinadas implicações sociais se tornou requisito obrigatório para tornar-se sujeito (MANSANO, 2009). Já com o terceiro modo, que iniciou a partir do século XX, essa forma de se entender no mundo passou a colocar em xeque, a questionar e a possibilitar a pensar em como resistir nesse campo de disputas. Por isso, diante das contradições sociais, uma postura ética e política precisa incluir a reflexão a respeito do impacto que as forças neoliberais exercem sobre as subjetividades juvenis.

O Brasil (2022) classifica sua população em classes sociais, a depender da posição que ocupam nas estruturas de poder ligadas ao capital. Para Lazzarato (2010), a sujeição social, que atribui papéis e lugares sociais aos sujeitos, é uma das vias de exploração da subjetividade pelo capitalismo. Nas atualizações neoliberais, o lugar de “empresário de si mesmo” deve ser assumido como escolha pessoal e fonte de realização. Sendo assim, a própria construção identitária das juventudes é submetida ao discurso empresarial e ao consumo dessa ideia. Ressalta-se que a própria relação com esse lugar de “empresário” depende do quanto os jovens têm acesso aos bens produzidos. Sendo assim, para que jovens pobres

e periféricos possam afirmar-se enquanto sujeitos é necessário o consumo de mercadorias, o acesso ao capital. É mais fácil ser sujeito comprando o tênis da vitrine do que ocupando os espaços e direitos dependentes do Estado.

Os jovens apropriam-se do tempo, das companhias e da cidade que os circunscrevem. Assim, há algo próprio desse período que desafia as compreensões que caracterizam a juventude apenas como uma fase de transição para a vida adulta. Há muita vida, produção e resistência em suas carnes (ROATTA ACEVEDO, 2007). Caponi *et al.* (2020) apontam que a interiorização da normatividade neoliberal atinge os “neosujeitos” já na primeira infância a partir da suposição de suas potencialidades enquanto capitais humanos ou “empresários de si mesmo”. Evidencia-se aí, a partir do enfraquecimento dos laços coletivos, a tentativa constante de performar subjetividades, nas quais o sujeito não sente as forças que o atravessam e se culpabiliza pelos efeitos próprios do neoliberalismo (CORBANEZI, 2020).

Nesse sentido, o presente estudo, ao contar os passos de seu processo de pesquisar com jovens, buscou analisar quais são os efeitos da vulnerabilidade social e da racionalidade neoliberal na produção de subjetividades juvenis, a partir de narrativas de vida de jovens residentes em um município de médio porte no estado do Paraná, pela perspectiva do acesso aos direitos fundamentais. A partir das narrativas de vida, a pesquisa analisou como esses jovens constituem suas trajetórias de vida e acessam seus direitos fundamentais, destacou como os princípios presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) incidem sobre sua realidade, quais são os efeitos das contradições sociais nas subjetividades dos jovens pobres e como significam tais processos de subjetivação.

Metodologia

Essa investigação utilizou a pesquisa-intervenção cartográfica (PASSOS, KASTRUP e ESCÓCIA, 2015) para acompanhar processos de inserção de jovens nas políticas públicas de um município de médio porte no interior do Paraná. A cartografia é orientada por pistas, que surgem no decorrer do processo, e por metas visualizadas a partir do mergulho no campo da experiência dos sujeitos. Essa perspectiva desafia os métodos tradicionais por não isolar um objeto, mas reconhecer as redes de forças que o atravessam. Além disso, considera os efeitos do ato de pesquisar sobre o pesquisador e os seus resultados, de modo a tecer processos de composição. Como uma perspectiva ético-política, assume um papel interventivo e analítico das forças que a compõem e refuta a concepção de neutralidade.

Destacam-se, assim, os efeitos das forças neoliberais na produção de subjetividades juvenis, reconhece-se a processualidade dos conceitos e experiências, e constrói-se caminhos e significados no encontro com os sujeitos de pesquisa. A pesquisa ocorreu entre os anos de 2022 e 2023, e realizou um mapeamento das participações juvenis nas atividades oferecidas pelas Secretarias Municipais de Assistência Social, Esporte e Cultura. A partir da identificação das atividades e do número de jovens participantes, foram organizadas as etapas que consistiram em: realização de um grupo focal, entrevistas e observação participante junto aos jovens. Destaca-se que o diário de campo, a observação participante, dois encontros grupais e as entrevistas gravadas e transcritas foram utilizadas como ferramentas de registro da pesquisadora.

Na etapa de grupo focal, foram realizados dois encontros com os jovens participantes do Programa Bolsa Agentes da Cidadania³. Contou-se, no primeiro encontro, com a presença de quatro participantes. Desses, três integravam o programa e um era estagiário do Centro da Juventude. No segundo encontro, teve-se a participação de sete jovens, aqueles que estiveram presentes no primeiro encontro somados a mais dois participantes do programa e um jovem da comunidade externa. A metodologia grupal baseou-se na Tenda do Conto (CASENOTE e MERHY, 2020) que aplica questões deflagradoras, como: *O que é ser jovem hoje em dia?* e *Como vocês gostariam de viver?*, fornecendo pistas para a condução dos encontros.

A observação participante ocorreu em 1 ensaio da Banda Marcial, Projeto musical vinculado à Secretaria de Cultura do município, e em 1 treino de basquete, atividade vinculada à Secretaria de Esporte. Ao longo das observações participantes foram entrevistados três jovens da Banda e dois jovens dos treinos de basquete. A entrevista foi estruturada a partir das anotações relativas ao grupo focal. Tanto para o grupo focal quanto para as entrevistas, os 11 sujeitos participantes, na faixa etária de 15 a 17 anos, assinaram Termos de Consentimento e Assentimento, aprovados pelo Conselho Municipal de Ética em Pesquisa, e foram autorizados por seus responsáveis a participarem da pesquisa.

Para esta análise, foram consideradas as transcrições das entrevistas e as anotações registradas no diário de campo (2022/2023). Passos, Kastrup e Escócia (2015) destacam a importância da escrita de narrativas ao longo da pesquisa. Como ferramenta para analisar as implicações que atravessam o processo investigativo, o diário de campo é fundamental na construção de sentidos durante o pesquisar e crucial, posteriormente, para definição das linhas de análise. Com esse instrumento, os analisadores da pesquisa surgem como elementos que produzem deslocamento ou movimento no processo de investigação.

Posto isso, cabe situar que, com a pesquisa de campo, foi possível caracterizar os jovens participantes e a sua relação com o território. No total, participaram cinco jovens do sexo feminino e seis do masculino. Os participantes não foram identificados e puderam escolher o nome pelo qual gostariam de ser nomeados no estudo. Enquanto os jovens do primeiro encontro do grupo focal escolheram ser chamados de Lucy, Luiza e Demerson, os demais foram inspirados em jovens que fizeram história: Malala, Rebeca, Rayssa, Louis, René, Jota, Shaodree e Kawan. As falas que aparecem ao longo da pesquisa referem-se aos adolescentes com os nomes escolhidos por eles.

Destaca-se que a pesquisa foi realizada em uma cidade de médio porte no interior do estado do Paraná, conforme classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). A população estimada é de 59.250 habitantes, destes 4.023 são jovens de 15 a 19 anos. A sua extensão territorial é predominantemente urbana, sendo os sujeitos dessa pesquisa residentes apenas de bairros urbanos. Cabe mencionar as condições de mobilidade e estrutura da cidade: o transporte público é terceirizado e atribuído a uma empresa privada que oferece linhas de ônibus em alguns bairros dentro do perímetro urbano. Os poucos horários e linhas disponibilizados e a estrutura precária dos veículos dificultam o acesso dos jovens urbanos às políticas municipais.

De acordo com Corso (2020), a cidade é marcada pela colonização de povos eslavos (poloneses e ucranianos) e a população é majoritariamente branca. A autora destaca que a população parda e preta está localizada em bairros periféricos.

³ Programa do Governo do Estado do Paraná que oferece bolsas financeiras a jovens de 14 a 24 anos, os quais atuam em atividades relacionadas à cultura, esporte e profissionalização em serviços do município.

Em relação aos índices de desigualdade social, aponta que a pobreza marca a experiência da maioria da população, cuja renda média mensal é de 2,2 salários mínimos para trabalhadores formais e cujo índice de trabalhadores informais é alto. Corso (2020) também ressalta que a inserção da população jovem no mercado de trabalho é precária em relação à remuneração e é marcada pela informalidade. Em termos de educação, conforme a pesquisadora, com reformulações no sistema estadual de ensino do Paraná, a cidade passou a contar com dois Colégios Cívico-militares no Ensino Fundamental e Médio e os demais colégios sofreram alterações para a possibilidade de privatização do ensino público. No que concerne ao lazer, destaca a existência de parques públicos, um cinema, uma biblioteca pública e demais espaços culturais, os quais encontram-se distantes de muitos bairros e inviabilizados para ocupação dos jovens.

O que é ser jovem hoje em dia?

Afinal, o que é ser jovem? Por se tratar de uma pesquisa que inventa caminhos com os jovens, o exercício cartográfico, convida-se a conhecer os efeitos que o conceito/categoria “Juventude” convoca aos sujeitos jovens na relação com seus territórios. As perguntas “*O que é ser jovem para você?*” e “*O que você pensa quando ouve a palavra Juventude?*” (DIÁRIO DE CAMPO, 2023), realizadas pela pesquisadora aos jovens, fazem parte dos encontros realizados. A surpresa que tais perguntas provocaram suscitou outro questionamento: “*Será que os jovens já foram convidados a essa reflexão?*” (DIÁRIO DE CAMPO, 2023). “*Eu não sei explicar, não vou saber responder*” (Kawan), disse um deles.

Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) afirmam que as teorias desenvolvimentistas enrijecem os modos de ser jovem a partir de suas modelações éticas, comportamentais e estéticas. Estas linhas discursivas acompanham as descrições juvenis e reiteram o quanto as racionalidades contemporâneas conformam e (re)desenham as subjetividades:

Quando eu penso na palavra juventude, na verdade eu penso que é o meio termo. Você não é nem tão adulto pra ser totalmente responsável pela tua vida, mas você também não é tão criança para ser irresponsável e imaturo para não lidar com as responsabilidades que você tem naquele momento. Acho que ser jovem é o meio termo (...) você tá passando por essa fase que você não sabe de nada. você só quer se encaixar em algum lugar. (MALALA)

Sou jovem ou serei adulto? Há tempo para ser jovem? O “agora” não parece um caminho possível. Na experiência de muitos jovens, a juventude é experimentada como espera/transição para a vida adulta, na qual, sobre a égide neoliberal, necessidade e responsabilidade se sobressaem em relação às suas descobertas, criações e possibilidades. Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) salientam que as adolescências sofrem efeitos de duas lógicas complementares: enquanto a racionalidade desenvolvimentista universaliza o ser jovem, o modo de subjetivação neoliberal diz dos jovens sujeitos responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento e reforça o individualismo e a culpabilização como modelos de socialização. Tais efeitos são apontados nas falas dos jovens. Como disse Shaodree, “não é difícil, tudo é questão de querer, ter vontade”, quando questionado sobre as dificuldades de conciliar a escola e os seus trabalhos como barbeiro e mecânico.

O trabalho ocupa lugar central nas inquietações juvenis. Enquanto alguns jovens trabalham, outros buscam a sua inserção no mercado. Os que participam do Programa Bolsa Agentes da Cidadania contaram sobre o papel que a renda, decorrente do trabalho realizado com essa política pública, exerce em suas vidas.

Eles trabalham para auxiliar nas demandas familiares: “É que eu ajudo em casa, pago a conta de luz, essas coisas, aí sobra um pouquinho pra mim” (RAYSSA); “Vai tudo em conta, então (...) Tem academia, tem umas coisas pra pagar, daí não sobra muito” (DEMERSON). Além disso, o trabalho possibilita a sua inserção nas dinâmicas de consumo da sociedade capitalista. A comercialização dos símbolos e estéticas juvenis representa o jovem como aquele que acessa aos bens próprios de uma categoria homogênea. Por outro lado, aqueles que carregam as marcas da desigualdade social convivem com a dificuldade de partilhar os novos valores juvenis.

Conforme aponta Savegnago (2020: 551), a noção de projeto de vida é constituída como “uma peça crucial na organização biográfica da modernidade, sobretudo quando nos referimos ao contexto europeu, e supõe uma linearidade e uma cronologização da vida, no sentido de que seja possível planejar o percurso biográfico”. Entretanto, a noção de mobilidade social é borrada na experiência de muitos jovens pobres que, diante da precarização do trabalho, veem o futuro como incerto. Desse modo, o trabalho liga-se à necessidade de sobrevivência, enquanto os desejos juvenis são secundarizados, conforme o relato de Louis:

O trabalho mais como jovem aprendiz, não é mais por diversão ou tanto por gosto de trabalho e escolha, acho que é realmente mais pelo dinheiro no começo, porque você quer ganhar um pouquinho de dinheiro pra comprar alguma coisa que você quer, mas depois dá pra fazer alguma coisa que você gosta, e não só no seu trabalho como forma de ganhar dinheiro, mas algo que você goste de fazer.

Ao mesmo tempo, Jota diz que “juventude é ser livre, ser feliz, não ter, digamos assim, uma preocupação com algo que você vai ter futuramente”. Ele também reconhece que a realidade concreta dos jovens desfaz essa possibilidade. Em conformidade a isso, diversos autores enfatizam a necessidade de historicizar os processos juvenis e de ter os marcadores sociais como analisadores (ARIÈS, 1981; DOI e ALMEIDA, 2020; PERONDI e VIEIRA, 2018). Como pontua Perondi e Vieira (2018: 50), o “modo como experimentam o que os identifica como jovens é vivido de forma diferente a partir de diferentes situações em que se encontram, em especial seu grupo social, etnia, gênero, territorialidade, religião, etc.”, por mais que partilhem símbolos e valores comuns. Portanto, os jovens escutados escancaram a tensão entre suas descobertas atuais e as imposições do futuro. Para Lucy, a juventude é um momento de evolução, de “estar realmente conhecendo o mundo em que você vive, que você tem contato com mais coisas diferentes, de oportunidades diferentes, mas também é um momento de conflito, porque tem a pressão de decidir quem você vai ser, o futuro”.

O encontro com os jovens permitiu visualizar seus espaços inventivos, de criações, de amizades, de socializações, de questionamentos e de reivindicações. Contudo, apresentaram dificuldades em nomear as desigualdades sociais que constituem a diversidade juvenil e em situar as racionalidades contemporâneas como produtoras dessas desigualdades. Suas experiências são, na maioria das vezes, individualizadas. Igualmente, apontam que o esforço pessoal possibilita o acesso aos bens. “Mas se a gente não pensar pequeno, com o nosso esforço, nosso suor de todo dia, a gente consegue nossas coisinhas” (REBECA). Nesse sentido, Dardot e Laval (2016) pontuam que o neoliberalismo forja as subjetividades a partir do constrangimento internalizado. Sendo assim, as práticas, as técnicas, os discursos e os modos de ser próprios do neoliberalismo passam a regular as relações individuais e coletivas, as quais não necessitam de um controle externo, e fazem os próprios sujeitos vigilantes de si mesmos. “Eu me cobro demais”

(LUCY). E, assim, cria-se uma “sociedade de indivíduos” distantes de suas coletividades (DARDOT e LAVAL, 2016: 13). Nesse sentido, a colonização dos modos de ser jovem é pouco conhecida pelos sujeitos imersos desde o nascimento nessa racionalidade.

As concepções de juventude pouco dialogam com as necessidades de escuta reivindicadas pelos jovens. O verso “o jovem no Brasil nunca é levado a sério”, cantado por Charlie Brown Júnior (2000), ganhou ressonâncias nas vozes dos jovens, durante uma atividade do grupo focal. São jovens que demandam escuta, compreensão e afeto, mas que, em alguns contextos, encontram “lições” que não correspondem aos seus modos de ser. Ao mesmo tempo em que são infantilizados e chamados de dramáticos pelos adultos, não são compreendidos pelas crianças. Enquanto para Malala é difícil contar seus problemas aos amigos e é desafiador oferecer apoio quando compartilham das mesmas demandas, para Lucy comunicar suas dificuldades é um fator protetivo.

Se a gente fala alguma coisa para algum adulto eles ainda nos veem como criança, então não é tão válido. Mas se você tenta conversar com uma criança ela não vai entender. Você também fica meio que restrito aos seus amigos (...) Só o que o seu grupo está passando pelas mesmas coisas que você, então é impossível eles se ajudarem. (MALALA)

Acho que quando você vai conversar é mais fácil conversar com outros adolescentes que já estão acostumados com a tua realidade, por isso tem pessoas que falam “tem que andar mais com sua família do que com os amigos, mas normalmente os que entendem melhor você são seus amigos. (LUCY)

Acresce a isso que os distanciamentos geracionais denotam tensões entre o passado e os dias atuais. Ser jovem, atualmente, envolve outras demandas e exigências, assim como as relações temporais, espaciais e o acesso às informações foram alterados. Para Lucy, o diálogo com os adultos é difícil porque “eles viveram uma realidade completamente diferente” e, juntamente com Demerson, acredita que as diferenças são advindas do processo de escolarização. Para eles, no passado, a escola não era tão difícil como na atualidade, na qual o cansaço mental é intensificado: “para eles (os mais velhos), a única dor que vale é a física” (DEMERSON). Assim, as mudanças que perpassam o cotidiano dos jovens remontam às transformações sociais que destinam novas exigências às juventudes. A própria experimentação do tempo se diferencia das gerações anteriores, dada a velocidade na circulação das informações, o acesso às tecnologias e a obrigação de flexibilidade destinada aos jovens. Ser jovem contemporaneamente implica a conexão com atividades e contextos diversos cotidianamente, sendo o tempo um parâmetro de produtividade.

Melucci (1996) analisa as discontinuidades do tempo diante da diversidade das atividades humanas. O tempo, então, não é mais vivido como caminho retilíneo, mas sim como via de rupturas, de recomeços, e, sobretudo, de urgências. O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ampliaram a conexão entre as juventudes, assim como o acesso aos símbolos de consumo constantemente atualizados. Stengel *et al.* (2019: 319) afirmam que as TICs “têm possibilitado mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas” e situam as redes sociais como elementos da constituição subjetiva dos adolescentes, dada as particularidades de suas constituições identitárias.

Escola, trabalho, esporte, academia, atividades culturais e uso de tecnologias compõem o cotidiano dos jovens escutados. O cansaço mental apontado por Demerson é fruto dessas transformações. Para Antunes (2000), a flexibilização do

trabalho, associada às noções de produtividade e de empreendedorismo, incentiva a mudança nos postos de trabalho e o acúmulo de diversas funções. Uma vez que o raciocínio gerencial – pautado em produtividade, hábitos e metas – extrapola o mundo do trabalho, esses raciocínios tornam-se produtores de modos de subjetivação de vidas flexibilizadas. Luiza expôs essas mudanças ao contar: “*Eu fui sair com uns amigos meus no cinema. Aí eu ofereci um docinho e eles falaram: Não, eu tô fazendo dieta, tô fazendo academia*”. Sobre isso, pode-se afirmar que o hábito de “fazer academia” tem reiterado teias complexas na busca por saúde e na adequação aos padrões estéticos e de consumo. Diante dessas dinâmicas, Charles entende que: “*Os jovens são muito influenciados, né? Tanto pela internet quanto pelo que escutam. A maioria, sei lá, acreditam em muita coisa que veem*”. Já Lucy expõe as contradições da utilização das tecnologias:

Em parte, eu acho que ajuda (as tecnologias). Por exemplo, se você precisa buscar alguma coisa, buscar um conhecimento em determinada área, isso facilita, mas às vezes você é bombardeado por tantas informações que isso causa um cansaço mental também. Que nem antes as notícias chegavam mais organicamente (...) mas hoje em dia a gente é bombardeado com muita informação. (LUCY)

Em suma, o processo de pesquisar envolveu a partilha de narrativas de vida entre as juventudes que merecem ser escritas e pensadas. As lembranças que marcaram a vida dos jovens têm relações com o acesso às políticas públicas, com as amizades, os amores e as descobertas. Em contrapartida, alguns relatos provocaram distanciamentos. Demerson, que permaneceu em silêncio durante os momentos iniciais do grupo focal, compartilhou os sentimentos experimentados no dia da morte de seu irmão, o qual preferia chamar de pai. Suas descrições foram vívidas e o momento mais marcante foi quando disse não lembrar mais nada que tenha exercido importância em sua vida. Desse relato, destacam-se os processos experienciados pelos jovens, alguns marcados pelo luto, por questões existenciais e, também, pelos efeitos da desigualdade social.

Como pode sentir saudade de uma professora?

Os processos de escolarização foram centrais nas experiências dos adolescentes participantes na pesquisa. Muitos contaram sobre seus encontros e desencontros com os discursos e práticas escolares. Por isso, fez-se necessário pensar nas implicações que os contextos escolares e suas lógicas contemporâneas têm sobre as subjetividades juvenis. Em primeiro lugar, o ECA prevê a educação como direito, visa o pleno desenvolvimento, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Estas diretrizes são materializadas, dentre outras, a partir do artigo 53, nos incisos “I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - direito de ser respeitado por seus educadores; III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores” (BRASIL, 1990).

Em vista disso, a escuta das demandas individuais e coletivas juvenis é indispensável para a sua participação nos processos de escolarização. Os jovens participantes da pesquisa evidenciaram relações complexas com a escola e permeadas pela tensão entre suas condições juvenis e o seu papel de aluno, tal qual aponta Dayrell (2007). Posto que as transformações sociais e culturais alteraram as formas de experienciar a juventude, as relações com a escola também foram abaladas. Os conflitos entre os papéis do “aluno”, que segue normas e prescrições institucionais, e o do “jovem”, que se conecta com lugares sociais diversos a partir

de suas condições materiais de vida, evidenciam uma proposta de educação que, em alguns casos, não tem conseguido dialogar com as novas produções subjetivas juvenis. Assim, à medida que os jovens contagiam a educação com as marcas de seus demais territórios, rompem com os muros da escola (DAYRELL, 2007). Da mesma forma, Nakano e Almeida (2007) anunciam que a escola tem pouco a ver com os jovens concretos e tem pautado suas práticas em representações sociais juvenis ao invés de estar atenta às implicações cotidianas que (re)constróem suas vidas.

Para tanto, cabe refletir quais sentidos os jovens produzem no encontro com as instituições escolares. Entre as afetações que cruzaram os caminhos de Demerson, Malala e Louis estão as dificuldades de serem ouvidos em suas escolas. Sentem que suas necessidades não são levadas em consideração nos espaços decisórios, assim como os assuntos discutidos em palestras não contemplam as questões vivenciadas por eles.

No colégio eles não dão muita abertura pra isso (discussões sobre políticas públicas e direitos das juventudes) e quando tem palestra são palestras horríveis (...) A gente só tem que ficar ouvindo e não dá nem pra contestar, é péssimo! Eu já fui tirado de duas só porque eu contestei e tava certo e a mulher ficou irritada e me tirou da palestra, eu e mais quatro pessoas da sala. (DEMERSON)

“Acho que o colégio censura muito a gente. Tipo, a gente vai dar nossa opinião, eles até fingem que se importam, mas não dão continuidade aqui que a gente foi externar para eles” (MALALA). “Meu Deus, é uma camiseta, não vai mudar no meu ensino!” (DEMERSON). Esta frase, proferida por um aluno de um colégio cívico-militar, remonta aos sentidos das sociedades disciplinares pensadas por Michel Foucault (1999). A circulação das dinâmicas de poder opera pela via da vigilância dos corpos no interior das instituições. A escola, local que busca restringir a diversidade juvenil à massificação da figura do aluno íntegro, representa as instituições escolares e militares que vestem uma camisa silenciadora daquilo que é mais próprio da expressão subjetiva juvenil. Tal qual aponta Foucault (1999: 241), na escola, “de uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas”. No total de quatro jovens matriculados em escolas cívico-militares, dois fizeram críticas ao modelo. Um adolescente disse que a “escola é boazinha”, porém pontuou que “na escola, pra falar a verdade, eu não sou muito fã mesmo, mas é um negócio necessário, né? E eu vou” (RENE). São frases que descolam a pensar se a escola tem de fato conseguido dialogar com os jovens e produzir espaços de identificação. Como aponta Dayrell (2007: 1122), para muitos, “a escola se constitui como um campo aberto, com dificuldades em articular seus interesses pessoais com as demandas do cotidiano escolar, enfrentando obstáculos para se motivarem, para atribuírem um sentido a esta experiência e elaborarem projetos de futuro”.

Soma-se a isso o papel da racionalidade neoliberal nas mudanças presenciadas na educação brasileira. O estudante torna-se depositário de valores e projeções diretamente ligadas às lógicas do capital, a partir da justificativa de uma liberdade individual que, na verdade, dilacera os laços coletivos e produz a competitividade no ambiente escolar. Em suma, o neoliberalismo se faz no controle e na captura subjetiva tornando o “querer” um processo ligado à acumulação do capital (ALVES, 2009; ARIÈS, 1981; PERONIL, CAETANO e VALIM, 2021). Afinal, as tentativas de privatização na educação tornam-se cada vez mais evidentes. Os limites entre público e privado se desfazem à medida que os conteúdos das escolas públicas passam a ser disputados pelo setor privado. Destarte, “a privatização na

educação é, portanto, uma forma de disputar e controlar seu conteúdo, em uma perspectiva de restauração do poder de classe” (PERONIL, CAETANO e VALIM, 2021: 4). Tanto as reformas neoliberais do Ensino Médio quanto os colégios cívico-militares evidenciam esse processo de privatização dos modos de ser e pensar dos sujeitos jovens (PERONIL, CAETANO e VALIM, 2021; SANTOS e PEREIRA, 2018).

No presente recorte, as críticas tecidas à escola estão presentes no discurso de estudantes de colégios cívico-militares e dos demais colégios. Estão, sobretudo, ligados às insuficiências das discussões sobre os direitos e deveres da população jovem, à inexistência de espaços de escuta e à censura de suas opiniões. Lucy aponta que o papel da escola é acolher os jovens que não são escutados nos ambientes familiares. Similarmente, Louis compreende que a escola precisa entender o adolescente para além das suas paredes e atentar para sua realidade concreta.

Ficar se sentindo preso em um ambiente familiar e no ambiente escolar (é) não ter essa abertura no lugar que mais devia ter isso. Um lugar que poderia realizar trabalhos com o intuito de ajudar esses adolescentes, mas é o lugar mais fechado para que eles não falem sobre isso. (LUCY)

As vezes tem um adolescente dormindo na carteira, eu já vi professor chamando o adolescente que tava dormindo na carteira de vagabundo, e ele tinha que trabalhar pra ajudar a família. A outra professora entendia, ela ia lá e falava “Você trabalhou, tudo bem, eu vou dar atividade pra você fazer em casa”. Ela não faz tudo parecer muito rígido, muito casca grossa, tudo de uma vez. (LOUIS)

Nesse trecho, Louis fala sobre escuta, acolhimento e afeto. Sente saudade da professora que demonstrava interesse pelas histórias dos jovens, os quais têm a escola como um de seus contextos de socialização. Ele questiona: “Como pode sentir saudade de uma professora?”. E, diz de um desejo de encontrar profissionais da psicologia atuando nas escolas públicas “*para debater algum assunto, alguma coisa que aconteceu*” (LOUIS), pois, percebe que só trabalham em escolas privadas.

Igualmente, deve-se salientar os discursos sobre as dificuldades vividas por profissionais da educação pública. Ao mesmo tempo em que revela a urgência em ser ouvido e em a psicologia ser a profissão que consegue “*escutar as demandas adolescentes*”, Demerson denuncia o sucateamento das escolas públicas brasileiras. A introdução de lógicas empresariais nas escolas desloca o papel de professores e funcionários para meros reprodutores de conteúdos previamente estruturados e cerceia a autonomia de suas práticas (PIOLLI, SILVA e HELOANI, 2015; PERONIL, CAETANO e VALIM, 2021). Afinal, “*a gente meio que faz o que o governo manda*” (JOTA). Uma educação baseada em metas, produtividade e concorrência produz adoecimento de seus trabalhadores e alunos, conforme aponta Piolli, Silva e Heloani (2015: 589): “*a aproximação das instituições educacionais à racionalidade instrumental contribui para a produção de conflitos, frustrações, sofrimento e estresse e/ou adoecimento docente*”.

Por outro lado, outras significações foram possíveis no encontro das juventudes com a escola. Lucy relata que seu colégio aborda diferentes temáticas alinhadas aos interesses juvenis e tem acesso a informações diversas. Uma das atividades propostas ao grupo focal realizado com os jovens foi a partilha de momentos que marcaram suas vidas, as quais poderiam ser expressas a partir de palavras, desenhos, pinturas, entre outros formatos. Uma das adolescentes situou a escola como produtora de sentidos e de mudanças em sua vida. “*Entrar no (colégio) abriu muitas oportunidades pra mim*” (LUCY), entre elas, o contato com a temática que foi significativo para as suas interações com a escola.

Em síntese, observa-se a centralidade da escola nas vivências juvenis e os efeitos diversos em suas trajetórias, como conexão, sentido, aprendizado, proteção, escuta, revolta, denúncia e mudança. Nesse sentido, mais do que produzir respostas, as afetações que emergiram no encontro com as juventudes ampliaram o perguntar e contaram sobre jovens que produzem respostas potentes frente às suas dificuldades, resistem através da arte e sofrem frente às urgências contemporâneas. E, afinal, qual o projeto de escola que os fascina? Talvez, aquele que os escuta? Que enxerga a realidade de cada jovem? Que abraça suas pluralidades? Ficam alguns questionamentos que ao mesmo tempo em que nos fornecem pistas sobre a produção de intervenções futuras, nos fornecem novos modos de ver e de produzir juventudes.

Juventudes, políticas públicas e cidade

Convém salientar que, embora a extensão territorial da cidade pesquisada seja predominantemente urbana, as configurações das ruralidades e as dinâmicas produtivas que reverenciam a cultura do agronegócio também influenciam as relações tecidas em outros espaços da cidade. Portanto, as juventudes se constroem subjetivamente na intersecção entre campo e cidade ou, ainda, na confluência do urbano e do rural, conforme exposto por Corrêa (2011). Outrossim, a diversificação dos espaços culturais na cidade também foi citada como importante por uma jovem: *“Eu acho que tem algumas políticas públicas que contemplam a juventude, mas que não é na sua grande maioria não (...) acho que aqui eles valorizam só a cultura do rodeio do agro e as outras culturas são meio deixadas de lado”* (MALALA). Ela reiterou características já mencionadas do município. Soma-se a isso que as especificidades dos modos de vida juvenis em cidades de pequeno e médio porte são pouco exploradas nas produções científicas, tal qual aponta Doi e Almeida (2020). Uma vez que as juventudes nesses territórios possuem características próprias, urge pensar o urbano como heterogêneo. À medida que as cidades brasileiras são múltiplas e diversas, os modos de ser jovem também o são. Com isso, as vivências de jovens moradores de cidades pequenas não podem ser estritamente comparadas àquelas das metrópoles brasileiras, assim como não carregam particularidades de jovens rurais.

A realidade das condições de acesso à infraestrutura de saúde, educação e cultura das cidades pequenas e médias é bastante diferente da encontrada nos grandes centros urbanos. O mesmo se aplica em relação às formas de auto-organização e associativismo que, por vezes, apresentam-se de forma diferente daquelas institucionalizadas em forma de coletivos e de organizações, observada nas grandes cidades. (DOI e ALMEIDA, 2020: 425)

Por isso, é importante situar os fluxos de sociabilidade vividos pelos jovens participantes dessa pesquisa. Com esse propósito, uma das etapas da pesquisa consistiu em mapear os espaços da cidade ocupados por eles. Como critério de inclusão, considerou-se aqueles que eram vinculados às políticas públicas de Assistência Social, Cultura e Esporte do município. Dentre estes, está o Centro da Juventude que é caracterizado como local de convivência para adolescentes e jovens e onde são oferecidas atividades esportivas, culturais, de lazer e de qualificação profissional. Cidadania, convivência e formação também são os pilares que orientam o programa que integra a rede socioassistencial de Proteção Social. Das atividades oferecidas pelas Secretarias de Esportes e Lazer e de Cultura e Turismo, a pesquisa se ocupou dos treinos de basquete para crianças e adolescentes e dos ensaios da Banda Marcial do município, com jovens instrumentistas. Além

dos locais explorados pelo estudo, os jovens também ocupavam outras políticas, como o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), programa do Governo Federal destinado à comunidade.

Entre as possibilidades oferecidas pela cidade e a escuta das juventudes, observou-se que a ocupação dos espaços e das políticas públicas tem modos específicos de manifestação. O acesso aos espaços de participação social, muitas vezes, aconteceu por indicação de pessoas próximas. O acaso atravessou o encontro dos jovens com as políticas públicas em diversas histórias, assim como as narrativas de alguns deles que as desconheciam ou aos seus funcionamentos. A divulgação mais ampla das atividades do município é apontada como uma demanda, pois alguns percebem que nem todos têm condições de acesso às suas informações. Lucy pontua que as políticas públicas no Brasil esquecem dos jovens e que *“tem bastante coisa que foca mais nos adultos, nos idosos, nas crianças, mas que acaba esquecendo dos jovens, principalmente no idoso e na criança, claro que é muito importante, mas às vezes falta bastante coisa para os jovens”* (LUCY).

Em relação a isso, o Estatuto da Juventude, disposto na Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, reconhece os jovens como os sujeitos com idade entre 15 a 29 anos, prevê direitos a eles, bem como orienta a execução de políticas públicas pelo Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE). Inserção e participação social, direito à cidadania, à saúde, à cultura, à mobilidade territorial, ao esporte e ao lazer também são preconizados pelo Estatuto (BRASIL, 2013). Dessa forma, a interface entre os avanços desses princípios, os modos como são executados e, sobretudo, vividos pelos jovens, são postos em análise. Nesse sentido, pergunta-se: os sujeitos da pesquisa conhecem seus direitos e deveres?

O grupo focal foi majoritariamente composto por participantes do Programa Bolsa Agentes da Cidadania, uma iniciativa que oferece aos jovens uma bolsa auxílio e a aplicação de projetos em atividades de convivência, cidadania e formação. Eles trabalham nos Centros da Juventude do município oferecendo ao público infantil e juvenil atividades de recreação, aulas de música e esportes. Enquanto alguns descobriram e desenvolveram habilidades novas, outros ofereceram aulas em atividades que já realizavam em outros espaços. Lucy, por exemplo, teve seu primeiro contato com a música a partir das atividades oferecidas pela Secretaria de Cultura e, posteriormente, passou a dar aulas de teclado no Centro da Juventude descobrindo seu apreço pelo ensinar. Na *“lista de coisas que mudaram sua vida”* (LUCY) protagonizam as políticas públicas de cultura, educação e assistência.

Nesses encontros, percebeu-se que os participantes não saíam ilesos de seus encontros com as políticas públicas, as quais produziram marcas nas suas subjetividades e foram espaços que *“ocupam a cabeça”* (KAWAN). Mendonça, Andrade e Peres e Baptista (2019: 444) situam as instituições como *“agenciadoras de subjetivação”*, mas entendem que, nesse contato, os jovens também podem construir algo para além do instituído. Assim, as e os jovens contaram de suas descobertas, experimentações e mudanças desde que adentraram às políticas. Todos os jovens, que participaram do Centro da Juventude, contaram que discutem seus direitos e deveres e que tiveram oportunidades de participar dos espaços decisórios municipais e da Conferência da Juventude.

Acho que aqui a gente tem bastante acesso aos serviços da prefeitura, mas acho que tem jovens das comunidades carentes que não tem muito acesso, que, muitas vezes, nem sabem o que fazer pra ter acesso ao centro da juventude, aos benefícios do governo, aos postos de saúde. (LUCY)

Uma jovem, que participa da Banda Marcial, afirmou que essa temática é abordada dentro do projeto que participa. Por outro lado, os jovens vinculados à Secretaria de Esportes, assim como Louis que participou do grupo focal, mas não frequentou o Centro da Juventude, não fizeram menção ao tema. Cabe também visibilizar o impacto que as políticas públicas exerceram na rotina dos jovens: “Mudou, agregou muito, principalmente (para a) escola, conversar com pessoas. Sabe, ter esse contato dia a dia ajudou muito na minha infância, na minha adolescência, ajudou muito” (JOTA); “Mudou (...) por exemplo, eu taria em casa dormindo agora, mas eu tô jogando” (RENÉ); e,

Eu ia pra escola de manhã, daí a tarde eu saía, tipo ficava fora até quase a madrugada. Uma vez eu até parei na delegacia. Tipo, eu e mais três amigos invadimos um lote de uma casa, quebramos todos os vidros e pixou a casa inteira, até não sobrar parede. Daí na saída nós deu de cara com uma viatura e não foi muito legal. (DEMERSON)

Ao contarem os passos de seu processo de pesquisar com jovens, Leipnitz e Alvarenga (2023: 31) disseram que, na leitura, “talvez encontremos desconforto, incômodos, tensões, mas também afeto, sensibilidade, música e cultura e, quem sabe, abertura para novos caminhos”. As linhas que traçam caminhos comuns entre diversas pesquisas acadêmicas sobre as juventudes deságuam, sobretudo, na diversidade de conexões que os jovens produzem em seus movimentos cotidianos. A construção de vínculos de amizade evidencia a importância dos programas governamentais e das políticas públicas: “Eu acho que a banda e as pessoas que eu convivo aqui na banda mudaram muito da minha personalidade até agora. O convívio com as pessoas fez eu ter pensamentos diferentes e mais diversificados” (MALALA).

Os jovens nem sempre foram vistos como sujeitos de direitos no campo das políticas públicas. Na verdade, essa compreensão surgiu apenas na segunda metade da década de 1980, quando foram pensadas políticas específicas para essa parcela da população (BRASIL, 2014). Essa mudança ocorreu devido às transformações sociais e tecnológicas em resposta à “exclusão social” das juventudes. Dentre as diversas compreensões de juventude, de perspectivas desenvolvimentistas e estigmatizantes, as políticas pensadas com os “sujeitos de direitos” reitera a cidadania desse grupo social. Assim, “este enfoque busca a inclusão dos jovens como sujeitos explícitos de direitos civis, políticos, culturais, sociais e econômicos, de maneira a permitir que exerçam plenamente sua condição de cidadãos” (BRASIL, 2014: 54). Para tanto, a participação social das juventudes é fundamental para a proposição e execução de políticas públicas intersetoriais e transversais, com vistas à integralidade do desenvolvimento juvenil, uma vez que as políticas se fazem no plural.

O Estatuto da Juventude prevê em seu Art. 9 que “o jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral” (BRASIL, 2013). Nesse sentido, a presente pesquisa também buscou compreender como se dá o acesso às políticas públicas de saúde e cultura no município. Alguns jovens, quando perguntados sobre o seu acesso à saúde na cidade, contaram sobre o que entendem pelo conceito de “saúde”, que é lido a partir dos cuidados individuais que eles têm com o corpo, com a alimentação saudável e o exercício físico. O acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS) é visto, por Rebeca, como demorado e o atendimento como diferenciado dos consultórios particulares. A jovem compartilha das leituras sociais criadas em torno do público e privado: “no particular

são mais atenciosos” (REBECA).

As políticas públicas de esporte e cultura são vividas pelos jovens como potências de enfrentamento frente às dificuldades cotidianas. É com elas que fazem amizades, descobrem e desenvolvem habilidades. Com essa perspectiva, é possível pensar em políticas de aproximação, sobre as quais diversos jovens contam que, depois de adentrarem as políticas de esporte e cultura, a comunicação com outras pessoas foi facilitada. Além disso, os jovens conseguem perceber o efeito que as políticas públicas de cultura, esporte e educação produzem na trajetória de outros jovens.

Eles acabam se sentindo parte de algum lugar, principalmente, igual eu falei que o jovem não sabe o que onde ele tá, o que ele é e pra onde ele pertence. Então o projeto social ele podia pelo menos encontrar um pouquinho que seja, ele já ia encontrar um mundo totalmente diferente, ter um pensamento totalmente diferente. (MALALA)

Por fim, mais do que situar se as juventudes integrantes desse recorte de pesquisa se sentem contempladas pelas políticas públicas e programas municipais, é possível afirmar que o encontro com a potência das vozes juvenis permitiu conhecer histórias, sonhos e angústias que marcaram a vida desses jovens. Há inúmeros campos a serem explorados nas políticas públicas para juventudes e muitos jovens a serem alcançados, principalmente aqueles que moram em bairros afastados do centro urbano e na zona rural. A divulgação de políticas já existentes também surgiu como demanda dos jovens participantes, além da necessidade de políticas que se aproximem dos gostos e fluxos juvenis. A arte e o esporte foram vistos como potência de transformação e resistência frente às desigualdades sociais. “A música mudou minha vida porque 90% do meu dia é baseado na música” (LUCY). Diante disso, pode-se dizer que todos os jovens ouvidos disseram da importância das políticas públicas em suas vidas, de suas potencialidades e direcionamentos.

Considerações finais

Na contemporaneidade, os modos de ser jovem são alterados dadas as transformações sociais vigentes que são marcadas pela racionalidade neoliberal. Ao mesmo tempo em que as produções acadêmicas e as políticas públicas situam os jovens como “sujeitos de direitos” e coletivizam o termo “JuventudeS” a fim de contemplar a diversidade de conexões e experiências juvenis, os jovens são a parcela da população que mais morre no país. O recorte da pesquisa demonstrou que as juventudes produzem respostas frente às desigualdades sociais e não se sentem totalmente contempladas pelas políticas públicas municipais. No entanto, re-produzem discursos alinhados com as lógicas neoliberais e os reiteram como agenciadores das subjetividades juvenis.

As juventudes brasileiras produzem-se em solo capitalista, cujo modelo econômico opera pela via da acumulação do capital. Desse modo, as repercussões das amarras capitalistas não se materializam apenas a nível econômico, também provocam incidências nas produções subjetivas e trajetórias juvenis. Ao reconhecer que subjetividades se produzem na relação com as condições objetivas e materiais, o não acesso aos bens e espaços e a afirmação dos ideais de individualismo, produtividade e competitividade forjam as molduras do existir em um país neoliberal e que arca com as atualizações de sua colonialidade.

No mais, é evidente que o acesso à educação, cultura, esporte e renda amplia os projetos de vida e os fluxos de convivência juvenis. Nesse sentido, todos os jovens reiteraram o potencial transformador das políticas públicas em suas vidas. Ainda, cabe salientar a importância da realização de novas pesquisas, que acompanhem as juventudes brasileiras em relação aos seus demais direitos fundamentais, e de estudos que busquem ampliar as discussões sobre os marcadores sociais de gênero, classe social e local de moradia.

Recebido em 29 de maio de 2024.

Aprovado em 20 de agosto de 2025.

Referências

ALVES, C.; PEDROZA, R.; PINHO, A.; PRESOTTI, L.; SILVA, F. Adolescência e maioria penal: reflexões a partir da psicologia e do direito. *Revista Psicologia Política*, 9 (17): 67-83, 2009.

ANTUNES, R. “Trabalho e precarização numa ordem neoliberal”. In: FRIGOTTO, G.; GENTILI, P. *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez, 2000. pp. 35-48.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. *Estação Juventude: conceitos fundamentais*. Brasília: SNJ, 2014.

BRASIL. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, 1990.

BRASIL. Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. *Diário Oficial da União*. Brasília, 2013.

CAPONI, S.; DARÉ, P. K. Neoliberalismo e sofrimento psíquico: a psiquiatrização dos padecimentos no âmbito laboral e escolar. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 25 (2): 302-20, 2020.

CASENOTE, G. F. N.; MERHY, E. E. Tenda do conto: reflexões da experiência do encantamento no trabalho em saúde. *Revista Psicologia Política*, 20 (47): 178-89, 2020.

COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57 (1): 2-11, 2005.

CORBANEZI, E.; RASIA, J. M. Apresentação do dossiê: racionalidade neoliberal e processos desubjetivação contemporâneos. *Mediações - Revisão de Ciências Sociais*, 25 (2): 287-301, 2020.

CORRÊA, R. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. *GEOUSP Espaço e Tempo*, 15 (3): 5-12, 2011.

CORSO, A. M. *Ocupar é aprender: representações da juventude sobre as ocupações em escolas públicas de ensino médio em Irati (PR)*. Tese de Doutorado, Educação, Unicamp, 2020.

DARDOT, P.; LAVAL, C. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. *Revista Olho da História*. 22, 1-15, 2016.

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, 28: 1105-28, 2007.

DOI, D. A. S.; ALMEIDA, M. C. "Diver(cidades): construir caminhos na produção de conhecimento com/para/sobre juventudes de cidades pequenas e médias." In: *ANAIS... Simpósio Internacional sobre a juventude brasileira*. Belém: IEPA, 2020. pp. 420-426.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GREGORI, J.; VERONESE, C. Juventudes, violências e interseccionalidades no Brasil: reflexões a partir do Estatuto da Juventude. *Interfaces científicas – humana e sociais*, 7 (1), 71-82, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LAZZARATO, M. Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo. *Cadernos de subjetividade*, 12, 168-179, 2010.

LEIPNITZ, L. T.; ALVARENGA, L. F. Juventudes e políticas públicas: reflexões sobre os desafios e potencialidades da atuação psicossocial dentro e fora da academia. *DESIDADES-Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, 36 (11), 29-46, 2023.

MANSANO, S. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8 (2), 2009.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Young*, 4 (2), 3-14, 1996.

MENDONÇA, E. de S.; ANDRADE E PERES, F. M. de; BAPTISTA, T. A. "Já estou implicado até a alma: modos, expressões e desafios de subjetivação política juvenil". In: COLAÇO, V.; GERMANO, I.; MIRANDA, L. L.; BARROS, J. P. (orgs.). *Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. pp. 440-459.

NÃO é sério. Intérprete: Charlie Brown Jr. Compositor: Chorão. In: *NADANDO com os tubarões*. Intérprete: Charlie Brown Jr. [S. l.]: Virgin Brasil, 2000.

NAKANO, M.; ALMEIDA, E. Reflexões acerca da busca de uma nova qualidade da educação: relações entre juventude, educação e trabalho. *Educação e Sociedade*, 28: 1085-104, 2007.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERONDI, M.; VIEIRA, P. M. “A construção social do conceito de juventudes”. In: PERONDI, M. (org.). *Infâncias, adolescências e juventudes na perspectiva dos direitos humanos: onde estamos? Para onde vamos?* Porto Alegre: ediPUCRS, 2018. pp. 49-62.

PERONIL, V. M. V.; CAETANO, M. R.; VALIM, P. L. Neoliberalismo e Neoconservadorismo nas políticas educacionais para a formação da juventude brasileira. *Jornal de Políticas Educacionais*, 15: 1-23, 2021.

PIOLLI, E.; SILVA, E. P.; HELOANI, J. R. M. Plano Nacional de Educação, autonomia controlada e adoecimento do professor. *Cadernos Cedes*, 35 (97), 589-607, 2015.

ROATTA ACEVEDO, C. As subjetividades juvenis: esboços de resistência ante a sociedade disciplinária e a sociedade do controle. *Universitas humanística*, 63, 243-268, 2007.

SANTOS, C. de A.; PEREIRA, R. S. Militarização e Escola Sem Partido: duas faces de um mesmo projeto. *Retratos da Escola*, 12 (23), 255-70, 2018.

SAVEGNAGO, S. “Oportunidades e mobilidades juvenis em contextos de incerteza e falta de garantias”. In: *ANAIS... Simpósio Internacional sobre a juventude brasileira*. Belém: Editora IEPA, 2020. pp. 550-557.

STENGEL, M.; LIMA, N. L.; DIAS, V. C.; MOREIRA, J. O.; NOBRE, M. R. “Juventude e Cultura Digital: novos sujeitos, seus afetos e seus laços.” In: COLAÇO, V. de F. R.; GERMANO, I. M. P.; MIRANDA, L. L.; BARROS, J. P. P. (Orgs.). *Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. pp. 318-331.